



Miguel Pereira num dos seus trabalhos anteriores

Miguel Pereira, aliás Nicola, aliás Regina, aliás Georgeanne

Performance Inês Nadais

Op. 49, primeira metade de um díptico sobre o mundo do espectáculo amador, chega hoje ao Teatro Maria Matos, em Lisboa

Miguel Pereira passou os últimos três anos em manobras de exploração intensiva do mundo do espectáculo amador, e é desse mundo que nos traz notícias esta noite no Teatro Maria Matos, em Lisboa, onde estreia, às 21h30, a primeira parte do díptico *Op. 49 / O Meu Nome É Georgeanne*. A viagem, conta-nos, levou-o a Nottingham, no Reino Unido, e a Minde, perto de Alcanena, mas ainda não está terminada: “Este trabalho foi uma maneira de eu recomençar – e de confirmar a minha necessidade de prazer e liberdade na criação artística, apesar das rotinas instituídas da produção”.

Há uma série de tópicos nas entrelinhas desta conversa – a começar por uma assumida inveja de artista profissional. “Sempre me interessei muito, no meu trabalho e na minha abordagem da prática artística, pela questão do amador. O amador é aquele que faz por prazer, aquele que ama o que faz. Como artista profissional, gosto muito do tempo da criação, que é irregular, instável e caótico, mas desde há algum tempo comecei a sentir-me cansado das rotinas da produção”, diz o coreógrafo e *performer*. Foi justamente isso que o levou a aproximar-se de Nicola Carter, uma britânica de 47 anos que trabalha durante o dia como anotadora numa universidade,

transcrevendo conteúdos das aulas para alunos com incapacidades físicas e motoras, e é *performer* nos tempos livres. Nicola tem uma breve aparição em *Op. 49*, mas a *performance* que Miguel Pereira criou a partir dos encontros com ela e que fica no Maria Matos até à próxima segunda-feira não é propriamente biográfica – tal como não é biográfica a segunda metade do díptico, *O Meu Nome É Georgeanne* (dias 27 e 28, às 21h30), criada a partir de Regina Branco, atriz no grupo de teatro amador Boca de Cena, de Minde.

O que Miguel Pereira fez com estas duas amadoras diz tanto sobre elas como sobre ele: “Não encarno a Nicola e a Regina como personagens, apenas parto delas para um solo”. No caso de *Op. 49*, o *performer* acabou por concentrar-se na relação entre o som e o espaço, o tempo e o corpo, o que deu “uma peça muito abstracta”. Explica: “Interessou-me a relação muito peculiar da Nicola com a dança, uma relação muito política, ligada ao movimento *clubbing* de Manchester nos anos 80, em pleno *thatcherismo*. É uma relação muito livre, o que é invulgar em Inglaterra, onde a dança é muito formal e está muito ligada ao *showbiz*.”

Com Regina, aliás Georgeanne – nome de uma personagem de *Um Vestido para Cinco Mulheres*, de Allan Ball, a peça que mais a marcou na sua vida de atriz amadora –, o jogo foi outro: “É uma mulher que tenta romper com alguns tabus, num meio pequeno. Por isso trabalhei a partir da ideia de revelação.”

Regina teve um “choque inicial” quando se viu reflectida. Mas não é ela que está ali: Georgeanne é só o nome de guerra de Miguel Pereira.